



# CRÔNICA LITERÁRIA

Por JOSÉ OITICICA

Antônio Boto — Fátima —  
Rio de Janeiro 1955.

Alguns meses faz, publicou o "Diário de Notícias" uma reportagem sobre o poeta português, o sr. Antônio Boto, com fotografia do vate num leito barato da Santa Casa de Misericórdia.

O repórter dizia do homem português coisas alcañoradas. Era o maior dos poetas portugueses e talvez do mundo. Era, sobretudo, o autor de "Fátima", com subtítulo: "poema do mundo" e a recomendação altíssima de ter sido a estonteadora obra aprovada por Sua Eminência o senhor Cardeal patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira".

Cousa sin omática! Logo na página 5, a primeira impressa, diz-se que essa primeira edição "é de quarenta mil exemplares, numerada e assinada pelo autor, a fim de solenizar (sic) a entrega de uma cópia da imagem de Nossa Senhora do Rosário às autoridades eclesiásticas do Rio de Janeiro por ocasião do trigésimo congresso eucarístico internacional e com aprovação imprimatur de sua eminência o senhor cardinal (sic) patriarca de Lisboa dom Manuel Gonçalves Cerejeira".

Transcrevi tudo para dar a impressão geral de incensório em que desponta o poema sentindo-se, através das bafuradas, aquela inhaça de sacristia tão característica.

Na página seguinte, o autor reserva os direitos de autor para traduções, reproduções, recitações, representação em teatro, cinema ou qualquer adaptação.

Com todas essas repolhudas reservas, esse genial rebento de um cérebro lusitano, iria ser fonte ou até caudal de larga riqueza para muito breve.

Pois não sei, e esta a mais pujante dúvida minha, que anda sacacoteando no céu essa Senhora de Fátima a ponto de deixar cair seu panegirista num catre de hospital, doente, queixoso, talvez arrependido de haver tanto bajulado essa ingrata Virgem Mãe!!! Realmente, que faz ela ou fez em seu favor? Nada!

Seja como for, nosso mister aqui não é criticar a senhora de Fátima, senão o poeta Boto, seu exaltador.

Para isso, importa avisar o leitor de que, na página 7 do opúsculo, se acha impressa, em itálico, entre aspas, uma apreciação sobre o poeta e seu poema "Fátima". As aspas significam, sempre, serem as palavras obra de outrem. Abaixo delas, cita-se usualmente o autor. Nessa página 7, porém, apesar das aspas, não figura nome algum identificante. Isso faz supor ter sido, essa como apresentação, escrita do próprio punho.

Ai se diz nada menos que o seguinte: "Antônio Boto mantém a posição de ser considerado, mundialmente, o maior Poeta vivo da atualidade, através (sic) do seu novo trabalho **Fátima, poema do mundo**. Humanizando a Virgem Mãe de Deus e de nós todos no milagre surpreendente de lhe dar, pelo gênio, alma e sentimento, observação pela imagem, o raciocínio, a compostura intangível e terrena de um assombroso pedaço de argila para melhor se aproximarmos dos nossos problemas contraditórios de ambição e desmazelos, na contradição da essência fundamental da própria vida, aparecem, nas falas imortais de Nossa Senhora do Rosário, como páginas de um outro Evangelho que era preciso escrever. O evangelho da perturbação atual do homem. E só Antônio Boto o poderia criar num momento da mais alta inspiração".

Pelo dedo se conhece o gigante... O gigante, hoje o maior poeta vivo do mundo, escreve essas palavras difíceis de entender. Não fosse ele gênio, assim como o Fazanello das loterias: só ele e nada mais...

A razão de tudo, entretanto, parece delatar-se logo a seguir nesse mesmo antelóquio. Diz assim: "Pelas Igrejas e Casas religiosas ele deve ser, amplamente distribuído". Esse termo distribuído, compreenda-se, é um eufemismo, eufemismo de vendido.

Continua porém assim: "Aparição maravilhosa de uma criação

impecável na estrutura do relato, sem sombra de mau gosto ou de retórica incorruptível na ciência entrelaçada em que a palavra veste a idéia numa justeza de tons e de cores verdadeiramente singulares. Se para uma tamanha descoberta, as bênçãos do céu e os favores de todos os homens de boa vontade podem levar ao Artista glorioso os imensos louvores merecidos na recompensa indiscutível, bom seria que o Prêmio Nobel de Literatura lhe fosse oferecido por deferência espontânea (sic) e natural. Aos crentes e católicos dos quatro cantos do globo terrestre recomendamos essa lição da maior beleza cristã".

Tais palavras facilitam-nos a tomada de pulso do poeta Boto, sua gana, sua esfomeação de impingir às casas religiosas os tais quarenta mil exemplares de **Fátima** (?) e depois disso abiscotar o prêmio Nobel. Para um poeta relegado a um catre de indigente na Santa Casa não é pequeno sonho.

Minha tarefa, todavia, limita-se aqui a verificar o sentido, realização e valor do poema.

Diz o autor não haver na obra sombra sequer de mau gosto. Para saborearmos seu **bom gosto**, basta reproduzir o **soneto** inédito, dedicado ao Cardeal Cerejeira. Ei-lo:

O grande Cardeal, o Cerejeira,  
Como diz toda gente de Lisboa,  
Com aquela ternura verdadeira  
Dada só por paixão a uma pessoa,

Levantou uma obra tão inteira  
Na grandeza da fé com que a

que até serve de freio e de ban-  
deira  
Aos que tentam ainda apanhar  
Goa.

Humildade gigante que sobeja  
Em vencer pela música de sinos  
Agravos a Jesus e a igreja.

Um santo que nasceu para ficar  
Nos povos e nos cânticos divinos,  
Nas estrélas, no Céu, na voz do  
mar.

A originalidade desse maior poeta  
do mundo, atualmente, pode-se  
bem medir por alguns trechos que  
vou citar.

O poema abre assim:

Eram apenas três crianças,  
Risonhas, a colherem, no campo,  
Os malmequeres que nascem  
Pela mão da Providência,  
E vão enfeitar os altares  
De capelinhas perdidas,  
Ao mesmo tempo que os ninhos  
Espalhados por beirais,  
Pelos árvores frondosas  
E à sombra dos laranjais,  
Entornavam melodias,  
Castas e puras harmonias.

A aparição da Virgem às crianças  
conta-se dest'arte:

Andavam tão entretidos  
E dentro da brincadeira,  
Quando, de um rápido esplendor,  
Nossa Senhora desceu  
E ao pé deles foi ficar  
Como se viesse de perto,  
Alí, do mesmo lugar.  
Não surpreendeu, nem assustou,  
Pelo contrário, deu bem-estar.

A Virgem inicia, com estes versos,  
a mensagem confiada às  
crianças:

Sentai-vos mais perto de mim.  
Assim, muito bem, assim.  
Uma pausa de jardim  
Em que o perfume se ouvia.  
Sou Aquela que defende  
O pecador do mau caminho,  
Mas, quando ele, teimoso,  
Não obedece e quer ficar  
Sózinho pelo caminho  
Da sua depravação,  
Já não sou Eu que acompanho  
As idéias de ambição  
Em possuir o impossível  
E fica por conta própria  
Da sua fraca inspiração.

Depois a Senhora entra a explicar às crianças a obra dos heróis portugueses. Fala, erudita, em Camões, em Gil Vicente, Vasco da Gama, Braz Cubas, até Fernão de Magalhães. Conhece os planos de D. Henrique. Menciona a obra de Anchieta; refere-se à cidade de São Paulo, ao Rio de Janeiro. Cita a obra de José do Patrocínio.

Adiante menciona a santaria e a iradaria, de Francisco Xavier aos frades dominicanos. Um por-

tento a Virgem, grau dez em história universal.

Entra ela a opinar sobre o mundo:

Não gosto do mundo, não,  
Porque está quase perdido  
Nessa constante modificação  
De não estar bem onde está.  
Tudo quer e tudo alcança  
Sem saber de onde vira?  
Ausente de consciência,  
Do bom senso, da razão,  
E desprezando as virtudes  
Que são a santa extensão de se-  
guirmos pela vida,  
E conseguirmos vencer  
Sem o farrapo da ignomínia,  
E' deitarmo-nos na casa de uma  
saudável madrugada

Depois de comer, com pão,  
Pedacinhos de marmelada.

Singularíssima linguagem da Senhora a crianças incapazes de saber o que são **farrapos da ignomínia**. Demais a Virgem, lá no céu, ainda se lembra do gostinho preguiçoso de uma cama (se ela conhecesse o colchão Hollywood!) e do saborzinho de marmelada com pão (se conhecesse a nossa goiabada com queijo de Minas!).

Depois de algumas digressões sociológicas de alto coturno, ela condena certas ambições dos homens e permite outras como isto:

Acho bem que se organizem  
Desde que guardem respeito  
Pelo que o merece ter.  
O inglês, o americano  
Cauteloso e rigoroso,  
Pode ser o indicado  
Para umas novas pesquisas  
Pelos confins ignorados,  
Embora o Homem já seja  
O musgo de planetas cansados.

Depois diz às crianças que seria muito melhor regressar a resoluções mais simples na vida social, do que andarmos a inventar encomendas de neurastenia, cataclismos de ganância...

Como se vê, uma Virgem sabetuda e bem falante!

Suas recomendações aos homens são de uma originalidade em tudo adequadas e dignas do maior poeta vivo do mundo:  
Era melhor que rezassem  
Que trabalhassem com dedicação  
E descansassem cultivando

A virtude  
Que é difícil de encontrar.  
Ter calma, serenidade,  
Respeitar, auxiliar,  
Não difamar, nem mentir,  
Prometer e não faltar  
E saber sempre fugir de quem nos  
quer apanhar

Para negarmos o Senhor  
E não sabermos amar  
Quando ele, num altar,  
Está na Eucaristia,  
Corpo de Deus para comungar  
E aberto de par em par.

O genial poeta (em sua opinião), ao terminar, tem rasgos sublimes como este:  
Ou o mundo se redime pela fé da  
Eucaristia

Ou o Sol se apagará  
Para nunca mais nascer,  
Nem a noite, nem o dia.

Isso não disse a Virgem; di-lo o poeta Boto; é opinião científica-mente sua. Assim, quero supor seja o sr. Boto, além de maior poeta do mundo, o maior cientista do mundo. Se o homem, nota bem, não comungar, o sol se apagará; nunca mais haverá dia e noite! Que sabedoria! Só mesmo um segundo prêmio Nobel: o de ciência!

Além de **Fátima** saiu no opúsculo um **Cântico da Alma Brasileira**, para o Congresso Eucarístico de 1955.

Pelo intróito, poderá o leitor avaliar o poema:  
Largo da Liberdade na Capital de  
São Paulo.

Largo da morte e da justiça.  
Justiça já não há. Penso que não.  
Temos a cobiça,  
O erro, a inveja, a ingratidão, a  
falcatura.

Finda o livrinho um hino a Nossa Senhora do Rosário de Fátima, cousa de embasbacar e envergonhar todos os poetas da Terra, os idos, os viventes e os por viver!

E não haver cadeira elétrica para a impostura!

Tôda e qualquer correspon-  
dência de Redação e Admi-  
nistração deve ser enviada  
para a nossa Caixa Postal.

# Franco na ONU como na UNESCO

por CRISTÓBAL GARCIA  
(especial para AÇÃO DIRETA)

Os desejos do "Caudillo" de Espanha, Francisco Franco, e dos altos hierarcas teocráticos da Igreja C. A. e R. realizaram-se in extenso, para que sua Espanha — não o Povo — fôsse admitido na UNESCO e, depois, na ONU. Franco na UNESCO como na ONU representa para os povos a culminação de uma política da acusação constante nos organismos internacionais; sua essência é a negação absoluta de toda liberdade, dos princípios democráticos e atentado direto a dignidade e respeito humano.

O jogo político pôde e pesou mais que a honradez de certos diplomatas que tanto têm blasonado e blasonam de dignidade e justiça à palavra dada, com a grande Carta do Atlântico, com a cláusula adotada pela Conferência de S. Francisco (antes da ONU), com a declaração conjunta dos **Três Grandes** em Potsdam e S. Francisco, com a nota **Tripartite** de Londres, Paris e Washington do mesmo ano, com a resolução do Conselho de Segurança da ONU, de abril do mesmo ano, que mantém a condenação do regime de Franco na Espanha, com a resolução da Assembléia de Lake-Success.

E de valor moral o triunfo obtido por Franco nos dois organismos internacionais? As condições atuais do povo espanhol irão melhorar sua situação político-social? Estamos certos do contrário.

Rara ninguém é segrédo que Franco e seu regime continuam suspendendo as garantias individuais, sobretudo a liberdade de expressão, reunião e associação, a liberdade sindical, as liberdades políticas, perseguindo, encarcerando, condenando em tribunais anti-jurídicos, fusilando, amordaçando a manifestação do pensamento humano, matando de fome o povo, envenenando as jovens gerações com seus métodos de propaganda fascista e credos sacrossantos, suprimindo toda oposição com ferrolhos, tratando com correntes e sangue os homens que dignamente se erguem contra a tirania mais abjecta.

Franco e a Falange, unidos à Igreja C. A. e R. põem, na Espanha, em perigo a paz do mundo, intrigando e burlando os mais elementares princípios do progresso e da civilização.

Confiar na acomodação do caso da Espanha em terreno internacional, é pecado de ingênuos, ou débeis mentais. De tudo isso, responsáveis são, moral e exclusivamente, os Estados e governos que, para defender seus interesses, dão facilidades a Franco.

A Espanha tem uma só vontade: ser livre, não se ver submetida a jugos. Esse é o profundo sentimento do povo espanhol. E a essa nobre aspiração preparatória da ação decidida, única obtentora da liberdade, ninguém deve mostrar-se insensível.

De um lado os que atizam seus apetites sobre um milhão de cadáveres; do outro, os que veneramos muitos mortos que semeamos e não enterramos. Sós, exclusivamente sós, nos encontramos ante o mundo, dispostos a gritar, a plenos pulmões, por uma Espanha redimida, digna e com honra.

Creio que melhor estamos, sós, sem os que hoje fazem alarde e mercancia de nossa dor. Devemos seguir o caminho reto que a nós mesmos traçamos, não menos nobre e digno por muito andado e trilhado.

As grandes potências, atentas unicamente a seus interesses antagonísticos, dão à Espanha de Franco a dura lição de sua indiferença às suas dores e de sua atenção ao que desperta sua cobiça e seus apetites de predomínio.

Pouco nos importam os caminhos que tenhamos de percorrer, cheios de espinhos e abrolhos, a nós espanhóis que nos encontramos exilados em França e na América latina, suportando todas as consequências do regime de ditaduras de Franco, como das **habilidades** do jogo político internacional. Em definitivo, tem havido só malas artes, nada de jogo limpo. Os que tanto blazonam, e brazonam retoricamente, de honra e dignidade, pouco lhes importa a responsabilidade histórica.

Um dia, o mundo, limpo de todos os materialismos, estará conosco e nos dará razão, a razão da justiça.

As palavras são vãs, e o vento as leva, no combate aos tiranos. À toda a podridão que os tem apoiado e apoia, mas o povo espanhol demonstrará a Franco e Falange, à reação internacional, que quer ser e será livre.

Franco na ONU, como na UNESCO, é e será o que tem sido: uma acusação constante no organismo internacional, uma vergonha do mundo civilizado e ameaça à paz e tranqüilidade de todos os povos em geral.

# Dois Livros e Dois Autores

Por PEDRO BOTELHO JUNIOR

Antônio Boto é uma poeta português, cujos admiradores chamam ser "o maior do seu tempo". "Suas poesias — afirma um foliolarário pequeno-burguês — anam pelo vasto mundo, traduzidas em quase todos os idiomas e onde ecoam, provocam deslumbramentos".

"Os ventos da adversidade sopraram forte sobre a existência do grande vate", — continua afirmando o mesmo foliolarário — "e aos dias de triunfo sucederam as horas tristes de solidão e sofrimento. Os amigos e patrícos que o adulavam e procuravam, foram desaparecendo".

Nem N. S. de Fátima, a Santa da Cova da Iria, cuja glória ele cantou no mais belo poema da raça, num livro recentemente editado nesta Capital, lhe está valendo no momento.

Ele continua só, com os seus sofrimentos e suas angústias.

Permaneceu e talvez ainda permaneça recolhido a um quarto da Santa Casa de Misericórdia desta Capital, mercê da generosidade de uma criatura de bons sentimentos, por sinal bem colocado na vida; ministro do Supremo Tribunal Federal.

Thomaz da Fonseca, também português de nascimento e de idéias contrárias às do "consagrado" autor de "Fátima", escreveu outro livro sobre a mesma "Fátima", relatando, em seus mínimos detalhes, as mistificações engendradas pelos roupetas português-

ses para explorar monetariamente o "aparecimento" da "Santa" em terras de Portugal.

O livro de Thomaz da Fonseca, como o de Antônio Boto, foram publicados aqui, no Brasil. Enquanto o de Boto permanece, como inédito, por falta de leitores e seu autor se encontra recolhido a um quarto de hospital, lamentando-se da ingratidão dos "amigos" e da "misericórdia divina", o livro de Thomaz da Fonseca encontra-se com a edição quase esgotada e o seu autor gozando a mais perfeita saúde, apesar de sua avançada idade.

Verifica-se, facilmente, a diferença entre um apologista e defensor da existência de Deus, abandonado por todos aqueles que deviam ampará-lo, principalmente os católicos, e um livre-pensador cuja vida inteira de lutas contra a Igreja lhe renova constantemente as energias físicas e morais para prosseguir, com mais vigor, no esclarecimento da verdade.

O confronto é bastante elucidativo para todos aqueles que se deixam iludir com as palavras mentirosas dos vigários de Cristo. Milhares de seres humanos vivem sofrendo toda a sorte de vicissitudes e misérias porque ficam esperando que Deus se lembre deles e de sua situação... "Bem-aventurados os pobres de espírito porque deles será o reino do" inferno... que está reduzida a vida viva no Brasil e no mundo inteiro, com guerras, fome, bombas atômicas e mistificação fradesca.

# DO CIENTIFICISMO A TECNOCRACIA

Por André PROUDHOMMEAUX

A grande idéia dos fins do século passado, a idéia do governo pela ciência — tão querida de Augusto Comte, Ernesto Renan e Marcelino Berthelot — já está discretamente eclipsada e só recorda sorrisos comovidos. Os homens de senso comum sabem que há uma ética da ciência, mas não uma ciência da ética. Um postulado moral é uma simples profissão de fé. O que é não permite deduzir o que deve ser. Pretender extrair uma norma de conduta de um simples juízo sobre a realidade é zombar da lógica. O mundo conhecido não fixa nenhum fim à consciência humana; o inverso é que se dá.

Contudo, muitos homens inquietam-se ante a idéia de fundar uma ordem da cidade sobre o credo pessoal provisório e reconhecido como tal: pois não existe infinidade de credos possíveis e a autoridade constitutiva de toda sociedade formada não se acha irremediavelmente quebrada pela liberdade de escolha que supõe a tolerância de pensamento e de fato em relação com as experiências voluntárias e múltiplas? Por falta de Ciência com um grande C, que se negou a facilitar as bases de uma ortodoxia política, recorre-se aos sucedâneos que são a História e a Técnica, uma substituindo a outra, conforme as necessidades da sofística autoritária.

A História, como estudo conjuntural dos fatos do passado, ou como investigação crítica dos possíveis latentes através da infima soma dos possíveis realizados, não se presta, de bom grado, a legiti-

mar por um "diktat" unitário e ortodoxo, uma canalização totalitária das crenças e das vontades humanas num sentido determinado. Não obstante, erigindo-se a História em sistema fechado, atribuindo-lhe gratuitamente a materialidade e a inércia mecânicas, pode-se apresentar como lei por ela imposta e inviolável, a extrapolarização de certos fenômenos estatísticos grosseiros e depois exclamar, com certas probabilidades de ser ouvido: Desgraçados os que se creem livres de prosseguir em suas preferências íntimas pela liberdade! que fazem aí? Não vêem que intentam falsear e obstaculizar o curso natural, irreversível e necessário da História?

E, por sua vez, entra em ação a Técnica. Da acumulação no transcurso dos dez, vinte ou cem últimos anos, de certos meios materiais em determinados lugares do globo, pretende-se deduzir as finalidades imanentes que estes meios supõem e impõem arbitrariamente a todo o universo. Da existência dos gomos do melão, Bernardino de Saint-Pierre, de idílica memória, concluía, pela "moral da natureza", que devia ser comido em família. Por sua vez, a "moral da técnica" tira a mesma conclusão da existência da faca, do garfo, etc. Mas ninguém pensou na diversidade dos gostos e das normas de conduta e em considerar que há quem goste e quem não goste do melão; para uns é nocivo e para outros saudável.

"Tecnologicamente", afirmam os novos legisladores da eficiência, "a faca para cortar o melão e o próprio melão são feitos um para

o outro; é preciso pois, usar o máximo de sua harmonia preestabelecida".

A tecnocracia envaidece-se de diversas finalidades imanentes, desse gênero, por supor uma axiologia implícita e uma valorística "funcionalista". "A simples busca da eficácia ou da novidade técnica cria a beleza involuntária, fatal e indiscutível", afirma, e não sómente a beleza, mas, também, a verdade, a justiça, etc. Assim, diante de certos desenhos de máquinas veículos ou projetéis (cuja "eficácia" negativa consiste em aniquilar em massa a humanidade) eis-nos forçados a inclinarmos em homenagem à "finalidade imane" do objeto; e, por uma viravolta imprevisível, escaparemos à teocracia científica unitária, gratuita e obrigatória, para sucumbir em mãos de seu "ersatz", a tecnocracia. A eficiência, a técnica, convertem-se em valor e fim em si, os únicos avidentes e inteligíveis, sem que nos seja permitido indagar para que a eficiência é humanamente eficaz!

"Técnicidade" — palavra moderna e impressionante para velha realidade; o "Know-how", o "savoir faire", a habilidade.

Pretender que se faça da habilidade a virtude suprema e o árbitro das sociedades é o específico da tecnocracia.

E' evidente que tal concepção conduz a fazer "eficazmente" não importa o quê, não importa onde; a fazer por fazer, sem outro critério nem sanção que esta espécie de arte pela arte transposta ao plano da indústria. Tanto parece normal que o ponto de vista técnico, do "homem dos meios", seja considerada em função dos fins ideais e das necessidades materiais, que se expressam na sociedade, quanto parece absurdo entregar ao técnico a autoridade

social, a ditadura, confiando-lhe, como simples elementos destinados a reunir-se a seu arsenal de materiais (a esse vasto armazém de acessórios que é o dos "Tempos Modernos", de Chaplin) o conjunto dos interesses não técnicos da sociedade: os do produtor, do consumidor, do filósofo, do legislador, por exemplo, bem como todos os valores irredutíveis ao funcionalismo tecnográfico.

O técnico não tem outra missão que a de um administrador de teatro; legitimamente, não é o autor da obra nem o cenógrafo, nem o espectador, nem o crítico.

Uma sociedade equilibrada apenas pode fixar-lhe sua tarefa, assegurar-lhe certa autonomia, controlar seu trabalho e extrair-lhe as lições pertinentes; não pode, em caso algum, abdicar todos os seus direitos e funções em suas mãos.

Mas eis que, depois de Burnham, anunciando ontem em um livro, brilhante mas equivocado ("The Managerial Revolution"), o "Ser dos organizadores", outro autor muito menos brilhante, mas não menos equivocado, Alfred Frish, proclama, em 1954, o inevitável advento da tecnocracia.

Esse advento é bem ou mal? Recusa julgá-lo; o fenômeno se produz e sua utilização é quanto se pode razoavelmente propor. A tecnocracia é "compatível"; segundo ele, com as formas políticas mais diversas, com as mais opostas ideologias, e o tecnocrata, considerado em estado puro, não é nem produtor nem pensador; não é técnico, não é prático, não é "industrial" no sentido saint-simoniano da palavra; nem planejador, nem "manager", nem candidato ao exercício do poder político em nome da eficiência particular de certos métodos.

Que é, pois? Frish evita cuida- (Conclui na 4.ª pág.)

# OS ANARQUISTAS URUGUAIOS MOVIMENTAM-SE

Acabamos de receber *Voluntad*, de Montevideu, n.º 160, de maio próximo passado. Nêle colhemos farta notícia do que foi o Plenário Nacional Anarquista realizado em abril.

Os companheiros de *Voluntad* assinalam como essenciais resoluções do Plenário: a) Foi instituída uma comissão Pró-Federação Libertária do Uruguai com o fim de que o anarquismo se manifeste lá através de um organismo coordenador das atividades gerais e propulsor de grupos e núcleos de propagação. b) Ativar a criação de cooperativas de produção e consumo, de organismos populares que promovam a solução dos problemas coletivos; alentar a criação de bibliotecas e ateneus libertários; levar, pouco a pouco, o trabalhador uruguai a lutar no sentido de ir restringindo e limitando a ação do Estado burguês, exigindo a direção e administração dos serviços e indústrias úteis à sociedade; c) O Plenário confirmou a tradicional posição dos anarquistas contra a guerra, o imperialismo dos Estados, quer político, quer econômico, denunciando sua ação liberticida e nefasta.

*Voluntad* transcreve minuciosamente as resoluções tomadas por esse vitorioso Plenário destinado, tudo faz crer, a inaugurar uma nova etapa na história do movimento anarquista no Uruguai.

*Ação Direta* se faz mensageira dos aplausos sinceros dos anarquistas brasileiros aos companheiros uruguaios, conscientes e decididos à luta sem tréguas contra a burguesia arquejante.

Possam os companheiros dar-lhe breve o golpe de misericórdia.

# À MEMÓRIA DE FERRER

Recordando o protesto feito pelos homens livres do Rio de Janeiro e do Brasil, contra o nefando fuzilamento

RECAPITULAÇÃO POR JOSÉ ROMERO

versal, é um ideal que veio de Creta ao tempo de Minos; tocou a Lacedemônia com Licurgo, pela partilha igual das terras, das heranças e das refeições em comum. Platão o sonhou para os povos mais perfeitos, vêmo-lo na cidade eterna de Cícero; Jesus o pregou, repetindo a trilogia de Platão: Liberdade, igualdade e fraternidade. E' a Utopia de Thomaz Morus; a Cidade do Sol de Campanella; vem com uma peregrinação de seis mil anos; no século XIX, é Proudhon e Louis Blanc...

"...A República Democrática é a etapa mais avançada em procura desse ideal.

"Para os que, porém, só conhecem do anarquismo a bomba de dinamite, direi que deploro todos esses excessos: o petróleo como a guilhotina, a dinamite como o fuzilamento. Um é produto do outro, da opressão surgiu o desespero; a bomba de dinamite, na mão do operário perseguido pela tirania, é a bala do fuzil dirigida pela inconsciência de um governo; cruzam-se em uma atmosfera de treva e agonia.

"A tragédia de Barcelona é uma negra página do imperialismo teocrático!

"Sua majestade católica bate ao casebre do operário da Catalunha e diz por seus agentes policiais: — Deixa o arado, abandona a bigorna e toma a carabina que te entrego e vai manter a minha soberania em Marrocos. Mas e a guerra? pergunta o agente do governo. Mas, por que a guerra? pergunta-lhe a esposa em desespero e os filhos em lágrimas.

"E o desgraçado proletário contempla, aterrado, a miséria, a dor da esposa e filhos, a falta do pão a aproximação do inverno com seu cortejo de horrores e o lar sem pão e sem fogo. Nisso passa ao longe uma nuvem de frases alegres — base do trono de Espanha — lá vão eles ostentando, nas adiposidades, o insulto à sua miséria, a tuberculose que qual fera, escancara as fauces a sua porta, lembra-se de que a Espanha inteira e esplorada, há séculos pela malandragem dos conventos e orgulho dos fidalgos clericais, lembra-se das últimas frases dos seus companheiros em comícios, nega-se a empunhar a carabina para trucidar o povo distante, que só pede paz para viver em seu lar, pois o inimigo está aí bem perto: — E' o clericalismo, que eclipsa o sol da bela Espanha!

"Por que, perguntam os clericais da quem mar, não aparecem protestos contra o incêndio dos conventos e contra a perseguição aos frades? Eles bem sabem que os protestos não surgiram porque as classes laboriosas que agitam as grandes cidades estão cansadas de suportar a secular exploração monacal?

"E porque não protestaram os clericais? perguntamos nós, os livres pensadores que lamentamos e reprovamos esses excessos, mas que por eles responsabilizamos o governo teocrático?

"Le clericalisme voilà l'ennemi, exclamava Gambeta, e, em um terço de século depois, são os frades expulsos da França e aí estão infestando o nosso país.

"O povo da Espanha os expulsará dentro em breve da península ibérica, sacudindo o jugo d'el niño assassino, e eles tomarão o caminho do Brasil; é por isso que digo com Gambeta: — O clericalismo, eis o grande inimigo que nos ameaça!"

Em seguida, ocupou a tribuna Reis Carvalho que pronunciou o seguinte discurso:

"Cidadãos — Venho cumprir um dever de solidariedade humana, acudindo ao apelo das almas generosas que aqui se congregam para protestarem a favor das vítimas da reação, na Espanha, hoje simbolizada na maior delas, o professor Francisco Ferrer.

Inspirando-me nos ensinamentos de Augusto Comte, não sou nem posso aqui ser um adepto do comunismo anarquista, em cujas fileiras militava o fundador da Escola Moderna; mas como filósofo mental, julgo o comunismo o estado mais honroso, embora o mais perigoso dos movimentos revolucionários. Não sou, portanto, suspeito de idéias subversivas, mas, por isso mesmo, não aplaudo a violência, onde quer que ela exista, na bomba do terrorista ou na espada do tirano.

"E' por isso que se explica a minha presença nesta manifestação; é por isso que junto a minha voz ao coro de protestos mundiais, levantados contra o bárbaro e tenebroso crime do governo espanhol. Não conheço precisamente a intervenção exata que teve Ferrer nos sucessos de Catalunha; não sei se a sua influência se limitou à ação espiritual, ou se, de fato, conspirou, agiu de armas na mão, contra a tirania reinante na Espanha. Na segunda hipótese a repressão sangüinária do rebelde explica-se, mas não se justifica. Explica-se se a violência aos amotinados, corresponde a violência dos dominadores; mas se não justifica, porque antes do movimento revolucionário, houvera a ação despótica e a revolta fora a represália da tirania. Demais sou dos que pensam aplicar-se a pena de morte única e simplesmente aos que destroem a propriedade e a vida, não como libertários, em nome de princípios sociais, que acreditam ser a felicidade vindoura dos povos, mas por baixos interesses, por exagerado egoísmo e, ainda, quando se tornam absolutamente incorrigíveis, incapazes de regeneração.

"Se Ferrer concorreu materialmente para a rebelião catalã, que, convém repetir, se originou da tirania do governo, este poderia puni-lo, sem suprimir-lhe a existência preciosa, consagrada ao que entendia ser o bem-estar social.

"Na primeira hipótese, porém, se a culpa do apóstolo comunista, consistia na pregação de idéias revolucionárias, por mais radicais que tenham sido, então o crime do governo espanhol toma as proporções de um atentado monstruoso, contra a mais sagrada das liberdades, a do pensamento.

"Não se explica nem se justifica, ao contrário, explicar ou justificará todas as desordens; explicará e justificará os atentados anarquistas contra o seu ministro, contra todos os que foram autores ou cúmplices do crime nefando. Pois como execrar as violências do povo revoltado, se os detentores do poder não hesitam em usar dos mesmos processos? Como condenar os crimes do proletário rebelde, se se arvora o assassinato legal em meio de repressão dos dogmas revolucionários? Como castigar a violência do comunista e bater palmas ao crime do tirano? Não, é preciso distinguir o punhal de Casero da carabina de Maura.

"Ao contrário, deve-se ser menos rigoroso com os crimes do desespero do que com as atrocidades do despotismo. Os que já têm a felicidade de estar certos dos destinos humanos, graças às lições do mestre dos mestres, podem neste momento, repetir, com ele, que o ideal comunista da fraternidade se há de realizar, o capital humano será definitivamente socializado; a regeneração das opiniões e dos costumes se fará, sem Deus nem Rei; apenas tudo se há de conseguir, sem violências nem quimeras, só pelo amor e pela ciência.

"Os mais poderosos despotas serão impotentes para obstar ao advento desse futuro bendito, quando muito, conseguirão retardá-lo merecendo a triste glória de aumentar a galeria dos mártires.

"Protestemos, pois, contra o fuzilamento de Ferrer, em nome da liberdade espiritual, em nome da liberdade, da fraternidade humana e façamos votos para que a sua morte seja o início da transformação política da Espanha; a queda da tirania monárquico-clerical e o advento da república".

# NO PARAISO DE SALAZAR

XI

As Corporações criadas por Salazar, das quais tanto se orgulham os fascistas têm servido de escola de ladrões.

Existem, segundos os últimos dados estatísticos, 230 grêmios do Comércio e Indústria, 230 grêmios da Lavoura e 79 Caixas de Previdência e Reforma. Todos esses estão subordinados ao Ministro das Corporações, Vieira de Machado, embora quem mande seja Salazar.

Vamos hoje apreciar os seus feitos de acordo com os elementos vindos a público e só com estes, pois, infelizmente, os mais importantes, como em todas as ditaduras, são do conhecimento dos autores e pouco mais.

Segundo denúncia do próprio deputado salazarista, professor Cid dos Santos, revelada em 1953, na Assembléa Nacional, registraram-se graves falsificações e vultosos roubos no Grémio dos Armazenistas de Azeite. Por sua vez, "O Primeiro de Janeiro" (diário publicado no Porto, em seu número de 31.10.53) num curto período de libertação de censura à imprensa (durante a representação da farsa eleitoral), denunciou a saída de 2.400 contos dos cofres do Grémio dos Armazenistas de Merceria de Lisboa para "Gazeta das Aldeias" e de 22.000 contos para a Junta Nacional dos Produtos Pecuários. Ora, como se observa, dois desvios de dinheiro, ou em linguagem do povo, dois roubos. O primeiro para financiar a propaganda da referida gazeta jesuítica, e o segundo para cobrir outros roubos, que, segundo denúncia apresentada, em 1946, ao Chefe de Polícia, haviam sido praticados por funcionários da Junta Nacional de Produtos Pecuários, no valor de 4.110 contos.

Mas, não pára aqui a valorosa obra de Salazar com o auxílio de seus grêmios. Um dos cordeiros do seu rebanho, o capitão e deputado Duarte Marques, revelou em 1945, na Assembléa Nacional: "Não hesito em acusar a Junta Nacional dos Produtos Pecuários e dos Azeites, assim como os grêmios, pela sua desmedida exploração contra o pobre consumidor, enquanto existe abundância de gêneros. Tudo funciona por determinação dos privilegiados, sem nenhuma impunidade. É tal a utilidade dos grêmios corporativos que, no começo do ano em curso, o próprio Salvador de Portugal (o Salazar) se serviu do Grémio dos Azeites para encobrir roubos, como atrás citamos, e a falsa queda de produção, e decretou que os consumidores de azeite terão que adquiri-lo com 50% de óleo de amendoim, com a agravante de custar mais 9\$00 escudos sem exceção para doentes.

Falamos acima de "falsa queda de produção" de azeite, e podemos garantir que, na realidade, esta não se verificou. Foi inventada nos meios oficiais, para encobrir a falência do regime.

Quanto ao Grémio dos Produtos Pecuários, outro covil de ladrões, como os seus congêneres, demonstrou-nos o seu valor o próprio deputado salazarista Nunes Mexia, na Assembléa Nacional, em 24.1.1956: "Não acredito na impossibilidade de resolver o problema do abastecimento de carnes, mas não podemos abandonar o caminho à deriva, como tem apadado. Não é admissível a baixa captação no consumo da carne e do leite, impedindo o fornecimento em larga escala deste excelente produto alimentar às crianças das escolas, como se faz em outras nações". Ora, para aqueles que não são cegos nem surdos, que pensarão depois de vinte anos de existências do Estado Corporativo sob a regência de Salazar. Perguntarão, certamente, porque tudo isso acontece.

Das são as conclusões que se podem tirar: ou o regime está podre e já não há controle, ou Salazar reconheceu sua incompetência e se fez cúmplice da escória que rouba e mata em Portugal. Não há muito tempo, foi descoberto que o presidente da Corporação dos Marchantes recebera cinco milhões de escudos em troca da licença de exportação de carne da Argentina, pelo que foi denunciado aos tribunais.

E quantas outras negociações se têm realizado? No fim do ano de

1955, Portugal comprou 1.050 toneladas de carne e 500 de manteiga por culpa exclusiva dos traficantes protegidos pelo Estado Novo, enquanto os grêmios e intenções dificultaram e encareceram esses e outros produtos. Quem o afirma é outro dos colaboradores de Salazar, o Deputado Abrantes Tavares (na Assembléa Nacional, em 25-1-1956): "O milho para alimentação do gado é comprado ao produtor indígena, em Angola, a \$63,5 o quilo, mas são tão elevadas as alcavalas, que é revendido a 2\$40, (isto é, cerca de quatro vezes). Foi para aumentar o custo das mercadorias em proveito do Estado e dificultar a venda livre do produtor ao consumidor, que o Messias de Santa Comba Dão português, criou os Grêmios e Intenções que com os sindicatos dirigidos, formam o esqueleto do Estado Corporativo (fascismo português).

Mas para que aqueles que não conhecem, bem de perto, a férrea ditadura de Salazar não digam, "porque os trabalhadores não passam a negociar diretamente?" explicaremos que, em Portugal, tudo é dirigido pelo Estado. Os lavradores e restante população vêem-se obrigados, sob pena de multa e prisão, a manifestar, todos os anos, em boletins fornecidos pelas autoridades locais (ao serviço dos Grêmios e do Governo), toda a sua produção, desde o

coelho e a galinha ao azeite e ao trigo. O pobre caseiro ou lavrador não poderá levar seu milho ou centeio ao moinho, sem que vá munido de uma guia, que, além do trabalho de apanhar, às vezes em local bem distante (na sede da Junta de freguesia ou regedor da mesma), ainda tem que ser paga, pois Salazar é artista em processos de apanhar dinheiro indevidamente. Para esse fim o tirano português criou a Comissão Reguladora das Moagens de Ramas, que vem levantando tantas e tais dificuldades ao povo e apresenta um funcionamento de tal modo irregular e desorganizador, que o próprio deputado salazarista (pois de outra tendência política, como já dissemos, não tem assento no Teatro de Comédias que é a Assembléa Nacional) Augusto Simões (na Assembléa Nacional em 26-1-1956) exigiu que se neutralizasse a ação tributadora da referida Comissão. Mas, não ficou apenas nessa exigência. Pediu que se abrisse, com urgência, rigoroso inquérito sobre as condições de vida da Comissão Reguladora das Moagens de Rama.

Não mexerei mais em Grémio, para não vomitar. Tal é a atividade e utilidade dessa escola prática de gatunagem, e o que é pior alguns deles estão sendo, há muitos anos, dirigidos por comissões administrativas nomeadas pelo Estado (como o Grémio do Azeite e outros).

## Do Cientificismo...

(CONCLUSÃO DA 3.ª PÁG.)

dosamente ilustrar sua definição totalmente negativa com exemplos concretos, com precedentes históricos, com qualquer argumento que se possa prestar a uma controvérsia séria. Seu tecnocrata é um ser razoável, uma idéia platonica, do qual unicamente possui visão direta e positivamente genial. Nós vemos-nos forçados a discutir sobre sombras que se perfilam, aparências irrisórias sobre o muro da caverna.

Seja-nos permitido, contudo, supor que, em sua essência a tecnocracia opõe-se a todas as outras "cracias", tais como a soberania dos "melhores", a do "povo", a de "um só", que são de caráter essencialmente político; e, também, à das leis e ritmos da natureza (fisiocracia) que forma o quadro de toda escolaridade verdadeira. Por trás de todas essas noções de Poder, escondem-se ainda, realidades psicológicas de natureza mais ou menos "religiosas", expressando-se por fórmulas do tipo *Vox Populi, Vox Dei*. A soberania da técnica é ao mesmo tempo a divinização da técnica, o fato de tomar os meios como fins.

Os fatos capitais que permitiram a fórmula (e, até certo ponto, o estabelecimento) da nova *cracia*, parecem ser, em primeiro lugar, a interpretação materialista da história (no sentido marxista, ou, mais exatamente, no sentido de um marxismo vulgarizado, separado de um contexto e adotado em forma difusa pelos quadros industriais e administrativos como ideologia própria); e, em segundo lugar, a transformação do empirismo político intuitivo em um código bastante preciso de receitas, ligadas ao uso generalizado das técnicas modernas, que na América receberam os nomes característicos de *mass-communication*, de *social-relations*, de *personal management*, etc. O desenvolvimento vertiginoso do aparato chamado de produção e do de propaganda, no sentido mais amplo da palavra, gerou, desde os começos da história contemporânea, à passagem dos séculos XVII e XIX, uma tendência dos peritos, em uma época particularmente confusa e dividida sobre o problema dos valores e dos fins, a deixar de considerar-se como conselheiros e como empregados, para reivindicar o título de governador (senão de dono) do palácio. A habilidade, na incerteza do "que fazer?", aspira naturalmente à sua independência e por isso coloca a primazia do "fazer" sobre todas as motivações e finalidades possíveis. Fazer grandes cousas, no

sentido de "pôr em obra grandes meios", converteu-se em uma ambição para todos aqueles que não se contentavam, como o abade Siéyès, com "durar"; e as meias voltas dos práticos que, entre 1789 e 1815, serviram a tantos regimes como "a História tirou do nada", marcaram as linhas de um pragmatismo — digamos a palavra, de um nihilismo — que só deixava subsistir um critério: o êxito, no sentido napoleônico da palavra. Stendhal e Balzac foram testemunhas das conseqüências desta barbárie, como são nossos novelistas e nossos dramaturgos de hoje, e o saintsimonismo tentou consagrar, como hoje o comunismo, a idéia de um exército humano no que cada membro pudesse dizer, como Hernani: "Eu sou uma força que marcha".

Para onde vão nossos modernos técnicos dos negócios, da propaganda, da popularidade, da industrialização, do domínio das maiorias parlamentares e, inclusive — último e muito velho achado — da "esperança"? Não o sabemos: Frisch não o diz. Talvez nem eles mesmos o saibam. Seu pragmatismo parece feito, antes do mais, com a negligência de enfrentar praticamente os problemas (inclusive de neles pensar).

Acreditar que tudo é permitido, porque se crê tudo possível, eis a que clinicamente terá conduzido o delírio da vontade do domínio, inspirado aos cérebros débeis por um século ou dois de revolução industrial destruidora de todas as reservas energéticas do globo e das forças mais íntimas da Humanidade. Nossos sinarquistas são modernos Diafoirus, "cujo céu se orgulhava de contemplar as façanhas e de que a terra se apressava de cobrir as derrotas".

Remetamo-lo à confissão de Stálin, que, inquietando-se (episdicamente) das hecatombes campesinas do primeiro plano quinquenal, dizia: "nossos êxitos subiram-nos à cabeça".

(Traduzido de "CENTI", por LIBERTO)

2, 17, 30, 31, 40

Aos companheiros que, tendo os números acima de AÇÃO DIRETA, não precisem deles, pedimos que nos enviem, para completarmos coleções.

## Centro de Cultura Social

em S. Paulo

Acha-se o Centro instalado em sua nova sede, na Rua Rubino de Oliveira, 85. Possui amplo salão, arejado e confortável.

Aos esforçados companheiros do Centro, envia AÇÃO DIRETA os seus mais sinceros aplausos por mais esta iniciativa.

## AÇÃO DIRETA

Encontra-es à venda, no centro, nas seguintes bancas:

Na E. F. C. B. (na rampa de saída).

Na E. F. C. B. (Ponto de lotação de Copacabana).

Em frente à Light.

Na rua Marechal Floriano, na rua Marechal Floriano, esquina de Conceição.

Visc. de Inhaúma, esquina de Av. Rio Branco.

Av. Rio Branco, esquina de Sete de Setembro.

Galeria Cruzeiro, esquina de Bittencourt da Silva.

Av. Rio Branco, esquina de Bittencourt da Silva.

Lapa (ponto de bondes).

Uruguiana, esquina de Alfândega.

Largo de São Francisco, esquina de Andradas.

Av. Almirante Barroso, esquina de 13 de Maio.

R. Araujo Porto Alegre, esquina de R. do México.

PREÇO: Cr\$ 2,00

## Nossos Jornais Nossas Revistas

Relação para conhecimento dos leitores:

**Solidaridad Obrera** — (órgão do movimento espanhol na França). 24 Rue Sainte Marthe. Paris (XI). França.

**Solidaridad Obrera** — (órgão do movimento espanhol no México). Venustiano Carranza, 49. México. D. F.

**C. N. T.** — (porta-voz da C. N. T. no exílio) 4, Rue Belfort. Toulouse — H. G. — França.

**Tierra y Libertad** — (porta-voz do movimento anarquista espanhol). Apartado 10596. México. D. F.

**Gesta** — Dean Funes 424. Buenos Aires. Argentina.

**Boletim da A. I. T.** — (Associação Internacional dos Trabalhadores) 24, Rue Sainte Marthe. Paris (XI). França.

**Boletim da C. R. I. A.** — (órgão do movimento anarquista internacional). 4. Passage Kuzner. Paris. França.

**Cadernos de Cultura** — Casilla n. 20. Tupiza. Bolívia.

**Solidaridad Gastronómica** — (órgão dos trabalhadores da Indústria da Alimentação de Cuba). Apartado 1297. La Habana. Cuba.

**L'Unique** — (revista) 22, Rue Saint Joseph. Orleans, França.

**Centi** — (revista) 4. Rue Belfort. Toulouse — H. G. França.

**La Protesta** — (órgão da Federação Operária Regional Argentina, F. O. R. A.) Wiestes 534. Buenos Aires. Argentina.

**L'Impulso** — Casella Postale número 275. Livorno. Itália.

**Solidaridad** — (órgão do movimento libertário do Uruguai). — Casilla 314. Montevideu. Uruguai.

**Regeneración** — (órgão da R. A. M.). Apartado 9090 (Valores e correspondência a Salvador Vazquez). México. D. F.

**Voluntad** — Luis Aldao. Casilla 637. Montevideu. Uruguai.

**Industrial Worker** — 2422. Halsted S. T. Chicago 14. Illinois. E. Unidos.

**L'Adunata dei Refrattari** - P.O. Box 316. Cooper Station. New York 3, N. Y.

**Reconstruir** — (correspondência e valores a Luis Danussi) — Casilla de Correo 320. Buenos Aires. Argentina.

## Aos Simpatizantes

Aos numerosos simpatizantes da causa anarquista, quer dizer, da causa humana, AÇÃO DIRETA fala com a mais plena sinceridade.

As edições de AÇÃO DIRETA se esgotam. Isso mostra o grande número dos simpatizantes da nossa doutrina e ação. Além disso, recebemos, constantemente, cartas e cartões de todo o vastíssimo território brasileiro. Os missivistas declaram-se entusiasmados, pe'em livros, indicações, jornais estrangeiros.

Tudo isso comove muito a redação de AÇÃO DIRETA; mas, dizemos francamente, não basta. Tomamos, pois, a liberdade de expor aos simpatizantes as razões por que desejariamos vê-los passar de simpatizantes a cooperantes.

As razões são estas: a) Nenhum periódico anarquista recebe anúncios pagos por industriais ou comerciantes burgueses. Seria cooperar com eles, ajudá-los na sua exploração capitalista. Essas publicações pagas, principal sustentáculo dos jornais burgueses, nos são, portanto vedadas. b) Com os preços das oficinas burguesas, onde AÇÃO DIRETA se imprime, cada exemplar nos custa Cr\$ 2,50. As bancas os vendem a Cr\$ 2,00. Damos ao revendedor quarenta por cento, ou sejam, 80 centavos. Logo, nosso prejuízo é de Cr\$ 1,30. Todo aumento de tiragem seria crescimento no deficit. Demais, estamos ameaçados de novo aumento, sem possibilidades de elevar o preço de venda. c) AÇÃO DIRETA, portanto, necessita, para viver, da contribuição dos anarquistas militantes. Com as novas tarifas postais, o peso dos gastos recai todo nesses companheiros já sobrecarregados. d) Ora, AÇÃO DIRETA, com a impossibilidade de penetrarem os anarquistas nos sindicatos operários, pois as leis fascistas de Getúlio Vargas persistem, na democracia brasileira, intactas, há de ser, e é, o centro de convergência dos anarquistas brasileiros, quer militantes, quer simpatizantes. Morrendo AÇÃO DIRETA por mingua de recursos, perderia o anarquismo brasileiro sua única tribuna.

Conseqüentemente, rogamos a esse numerosos simpatizantes, os que nos escrevem e os que nos lêem sem nos escrever, que não limitem seu auxílio à leitura de AÇÃO DIRETA. Para tornar esse periódico, voz clamante no deserto, um pregoeiro eficaz contra os dois totalitarismos funestos, o fascista e o bolchevista, urgente é que se façam contribuintes; que, entre seus gastos mensais, reservem uma quota para o sustento de AÇÃO DIRETA. Passará dest'arte, do inativo papel de mero aplaudente, ao muito mais digno de colaborador, embora anônimo.

E o apêlo que fazemos à consciência de cada um.

Remessas pelo correio com aviso para nossa caixa postal.